



O GÊNERO NARRATIVO CONTO EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIAS DO PIBID

Bruna Wanderley Pereira
Elayne Larissa da Silva Santos
UFAL/PIBID/CAPES
brunawanderleyp@gmail.com

INTRODUÇÃO

As discussões relacionadas ao processo de domínio de leitura e escrita apontam para algumas dificuldades na realidade educacional do Brasil que desencadeiam no fracasso escolar. “Os estudantes são capazes de ler e escrever, mas não conseguem obter nenhuma informação dessa leitura” (RAMOS, PANOZZO e STUMPF, 2007, p.134).

Nesse sentido, acreditamos que é preciso desenvolver um trabalho em sala de aula sob a perspectiva do Letramento, uma vez que este tem um caráter de transformação social e, dessa forma, a escola pode ser uma importante agência de letramento na difusão dos conhecimentos e no trabalho de apropriação da leitura e da escrita como práticas situadas. A partir de nossas experiências em escolas da rede pública de ensino com o trabalho que desenvolvemos no PIBID/Português/UFAL, e através de estudos no campo do letramento literário, como Zilberman (2008) e Pinheiro (2007), constatamos que a maioria dos/as discentes não tem contato efetivo com os textos literários e, muitas vezes, as leituras que realizam limitam-se apenas a textos presentes em livros didáticos. Sendo assim, consideramos pertinente pesquisar acerca do trabalho com a leitura de gêneros literários, para que possamos contribuir para novas discussões nos estudos da área e indicar possíveis redirecionamentos na condução do ensino da disciplina língua portuguesa ao se trabalhar com esses gêneros.

Neste trabalho, objetivamos analisar práticas de letramento que envolvem a inserção do texto literário em salas de aula do ensino fundamental, mais especificamente, analisaremos atividades que envolvam o gênero narrativo conto. Essas práticas sobre as quais iremos discutir são



realizadas através de experiências com o Ciclo de leitura – uma atividade proposta pelo PIBID/Português/UFAL que ocorre, geralmente, a cada quinzena nas escolas em que os bolsistas do projeto atuam, e tem como objetivo proporcionar prazer aos alunos durante a leitura do texto literário, incentivando-os a se constituírem como leitores autônomos e reflexivos.

Antes de realizarmos o Ciclo, aplicamos um questionário de caracterização, através do qual pudemos fazer uma avaliação diagnóstica sobre os interesses dos alunos em relação a temas e a gêneros, como também tivemos um período de convivência significativa com os discentes: tempo necessário para conhecermos bem os seus gostos e preferências. Outros dados sobre os alunos foram coletados através de atividades de produção textual com temas relacionados à vida dos alunos, a partir do projeto Minha história¹. Com base nesse conhecimento prévio das turmas, realizamos a escolha dos contos que iríamos ler durante o Ciclo e demos início às atividades de leitura, como descrevemos a seguir.

METODOLOGIA

As atividades do Ciclo de leitura são planejadas em conjunto por todos os integrantes do PIBID e focalizam como interesse principal incentivar a constituição dos alunos como leitores autônomos e reflexivos. Para isso são propiciadas leituras de gêneros diversos. O Ciclo de leitura teve início em 2013 e, desde então, tem sido realizado em turmas do ensino fundamental, com alunos de faixa etária de 12-15 anos. O material que será analisado é composto de diários escritos pelos bolsistas que desenvolveram as atividades de leitura de contos em turmas de 7º e 8º anos.

Para as atividades que envolvem a leitura de contos, costumamos encaminhar as turmas para a biblioteca – algo que só foi possível ocorrer com o decorrer das atividades do Ciclo de leitura. Antes as atividades eram realizadas na sala de aula, pois a biblioteca da escola estava sempre fechada, o que tornava a distância entre os alunos e os livros maior ainda. Nesses momentos, buscamos criar um clima propício para que os alunos se sintam mais à vontade para ouvir e apreciar

¹Trata-se de um projeto pedagógico elaborado pelo grupo do PIBID/Português/UFAL que tem como um dos objetivos possibilitar que o aluno reflita sobre a sua própria história, através de temas relacionados com o seu cotidiano que são desenvolvidos em oficinas de leitura e produção de textos, como: “Meu nome”, “Eu e minha família”, “Minha trilha sonora”, entre outras.



a história. A narrativa possui a qualidade de aquietar, prender a atenção e educar os discentes (COELHO, 1990), além de desempenhar uma função catalisadora de interesse e prazer (AMARILHA, 1997), mas para isso é importante que o professor também busque adequar seu tom de voz e suas expressões àquela história que está sendo lida no momento, não deixando a leitura tornar-se superficial e desinteressante. Antes da realização das oficinas de leitura, acontecem reuniões entre os integrantes do PIBID/Português para que sejam escolhidos os contos que irão ser trabalhados, buscando discutir sobre o que deve ser ressaltado durante a leitura: o tom de voz adequado para cada trecho, possíveis pausas na leitura para que haja momentos de interação, entre outros aspectos da narrativa.

Entre os contos compartilhados pelos integrantes, selecionamos três para utilizarmos nas oficinas de leitura que elaboramos para realizar nas escolas, cujas histórias se assemelhavam por apresentarem personagens que não tinham muito contato com os livros e acabaram se descobrindo como leitores após algumas situações que envolviam suspense, humor e muita aventura.

O primeiro conto escolhido foi “Atrás da porta,” de Ruth Rocha. O conto narra a história de Carlinhos, um garoto que morava com os pais numa casa antiga que pertencia à avó. O garoto gostava muito da avó, que, por sua vez, adorava lhe contar histórias, porém, quando a avó morre, o seu quarto se torna o principal refúgio de Carlinhos, que vivia mexendo em tudo, até descobrir, um dia, uma passagem que dava acesso a uma biblioteca “secreta”. O segundo conto escolhido foi “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector. Nesse conto também há a história de uma potencial leitora em descoberta, que vai desenvolvendo uma ânsia pela leitura ao longo da narrativa, até conseguir ter em mãos o livro que ela tanto almejava e que fazia parte do acervo de uma colega de turma egoísta. O terceiro, permanecendo nessa sequência de descobertas com a leitura, utilizamos o conto do escritor português João Aguiar, “Verba Volante, Scripta Manent”. Ele narra a história de um adolescente que, após ter sido reprovado na escola, recebe o castigo de passar todo o período de férias com um tio que morava a quilômetros do centro da cidade. Ao ter sido afastado de todas as tecnologias que lhe agradavam, a única distração que restava para o garoto eram os livros da

biblioteca do tio, os quais terminaram proporcionando uma mudança radical no seu comportamento.

Esses três contos nortearam as oficinas do Ciclo de leitura em que trabalhamos com o gênero narrativo, sendo a leitura destes seguida por discussões que buscavam, primordialmente, focar na produção de sentidos pelos discentes, com base numa perspectiva dialógica de leitura e de escrita, conforme demonstramos em excertos de um diário de Paulo, apresentado a seguir.

Resultados e Discussões

Neste diário, o bolsista Paulo² conta um pouco de sua experiência no dia da leitura do conto “Atrás da porta,” de Ruth Rocha. A aula ocorreu numa turma de 7º ano.

“Hoje foi realizado o primeiro dia do Ciclo. Antes da aula, Guilherme e eu já havíamos conversado e traçado um planejamento. Ficou decidido que eu seria o responsável por realizar a leitura do conto e o Guilherme ficaria responsável por fazer a nota de campo. Em casa, eu já havia ensaiado bastante a leitura, testando alterações na voz para representar a fala das personagens, tentando chamar a atenção das crianças. Estava muito ansioso pra saber como eles recepcionariam a narrativa.

(...)

Pedi que os alunos fizessem silêncio e prestassem bastante atenção. Em seguida, expliquei que hoje íamos fazer algo diferente. Como primeira atividade do ciclo, eu realizaria a leitura de uma historinha muito interessante e eles teriam que fazer o máximo de silêncio possível para que todos escutassem. Pedi que fizessem um semicírculo, objetivando uma maior interação com todos. Eles topavam tranquilamente e pareciam empolgados (isso me deixou muito feliz!).

Enquanto as crianças arrumavam as cadeiras, André tomava nota de tudo que acontecia em sala. Maria³ também estava escrevendo. Após a arrumação, tentei me posicionar no centro do semicírculo para que todos me ouvissem bem. Quando os alunos ficaram em silêncio, iniciei a leitura. Enquanto lia, percebi que eles estavam bem atentos e não havia conversas paralelas. Isso me deixou feliz e fez com que eu me empolgasse mais ainda. Guilherme e eu havíamos decidido parar a leitura em alguns momentos para dar um “ar de suspense” e perguntar as crianças o que achavam que aconteceria. A primeira pausa foi quando Carlinhos descobriu a “passagem secreta” no quarto de sua avó. Eu perguntei a eles: O que vocês acham que tem do outro lado? O que o Carlinhos vai encontrar? Um monstro, nada, um mistério foram algumas das respostas. Mas um menino respondeu: livros. Quando ele falou isso, imediatamente, perguntei o motivo que o levou a pensar nisso. Ele disse (com suas palavras): se o Carlinhos gostava de ler, era possível ter livros. Fiquei surpreso com a resposta dele e respondi que era sim possível, mas só saberíamos quando eu

² Utilizamos pseudônimos para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos no trabalho.

³ O bolsista refere-se à professora supervisora.

retomasse a leitura.

Continuada a leitura, foi revelado que o Carlinhos encontrou uma sala repleta de livros. As crianças ficaram empolgadas. Eu ainda disse que o menino havia acertado e ele riu. No decorrer da leitura, os alunos pareciam estar curiosos e acompanhavam atentamente. Dei outra pausa no trecho em que a mãe via os meninos entrando no quarto da avó. Perguntei o que eles fariam ao ver tantas crianças em casa tão tarde da noite? Eles falaram que ficariam assustados, pois não sabiam o que estava acontecendo. Uma menina falou que chamaria a polícia e riu. Ao fim da leitura, André e eu iniciamos a discussão sobre o conto, tentando contextualizar com a biblioteca da escola. Grande parte dos alunos disse que queriam a biblioteca aberta. (...)”.

A partir do diário de Paulo, notamos o seu envolvimento com o trabalho da leitura e a importância de haver sempre um planejamento prévio – antecedendo a realização da atividade – como ele próprio menciona no primeiro parágrafo, no momento em que comenta que “já havia ensaiado bastante a leitura...”. O bolsista mostra a importância do uso de alguns artifícios durante o momento de leitura, como uma voz devidamente empostada para representação das personagens da história, além da intimidade com o texto lido. Sobre isso Pinheiro (2007) afirma que:

“(...) a leitura que não seja minimamente adequada compromete a apreciação e o reconhecimento do valor da obra. Ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realização objetiva. Portanto, não é tarefa ligeira.” (PINHEIRO, 2007, p. 34).

No segundo parágrafo do diário, podemos perceber também que, além de se preocupar com as estratégias de leitura, o bolsista também se preocupa com o espaço em que serão realizadas as leituras e, mesmo tendo que se limitar à sala de aula, ele busca mudar o posicionamento das cadeiras, ressignificando, assim, o ambiente, a fim de criar um clima mais propício para a fruição do texto literário.

Apesar de deixar bem claro para os discentes que é importante o silêncio durante a leitura – para que eles possam ouvir melhor a história que está sendo contada – notamos, através do diário de Paulo, que esse silêncio não deve ser um silêncio morto, que cala e inibe a participação dos alunos, mas um silêncio que dê abertura para que eles possam interagir com o texto, quebrando-se em cada pausa que é dada pelo bolsista, com o objetivo de suscitar discussões sobre o texto com a turma.



Nesse momento há um processo de leitura como construção de sentidos, uma vez que é dada aos alunos a oportunidade de desbravar o texto literário, de entrar no clima da história, de se colocar no lugar de Carlinhos – personagem principal do conto – e de construir possibilidades de continuidade do texto, além de trazer o texto para o seu contexto social e, nesse caso, como é descrito pelo bolsista, o contexto escolar dos alunos: a biblioteca da escola que vivia sempre fechada armazenando livros didáticos empoeirados e escondendo tesouros literários tão valiosos quanto os que Carlinhos encontrou naquela passagem secreta. Sobre essa identificação que pode ocorrer no ouvinte durante o decorrer da narrativa, Amarilha (2003) afirma:

“O jogo que o texto proporciona é de natureza dramática. Ao entrar na trama de uma narrativa, o ouvinte ou leitor penetra no teatro. Mas, do lado do palco também, ele não só assiste ao desenrolar do enredo como pode encarnar um personagem, vestir sua máscara e viver suas emoções, seus dilemas. Dessa forma, ele se projeta no outro e através desse jogo de espelho ganha autonomia e ensaia atitudes e esquemas práticos, necessários à vida adulta.” (AMARILHA, 2003, p.53).

CONCLUSÃO

Até agora os alunos têm interagido muito bem com a proposta do Ciclo de leitura. Notamos que há bastante interesse por parte deles em relação aos momentos de narração de contos, mostrando-se, muitas vezes, empolgados e ansiosos para saber o restante da história. A mudança do ambiente da sala de aula – que no diário de Paulo ainda era o único local que disponibilizávamos para realizar as atividades – para a biblioteca forneceu um estímulo maior no trabalho com os textos literários. Ter um ambiente específico para a realização das leituras proporcionou aos alunos mais interesse, além de um distanciamento necessário do ambiente usual de aula, permitindo-lhes dar mais “asas à imaginação” e ajudando-os a penetrar no mundo da fantasia das narrativas lidas. O planejamento prévio das atividades, que começou a ocorrer em reuniões com os bolsistas, também foi muito importante para que todos trabalhassem em conjunto em busca de um mesmo objetivo: contribuir para a construção de sentidos dos discentes. As estratégias que viemos trabalhando, de modulação de voz, pausas durante a leitura para discussões, arrumação das cadeiras, etc., também têm sido bastante importantes para um bom desenvolvimento das atividades. Discutir sobre os aspectos do próprio conto durante as pausas na leitura contribuiu para que os alunos não perdessem



a linha da narrativa nem se entediavam com facilidade, pois nessas pausas eram suscitadas diversas questões da história que, muitas vezes, não eram compreendidas por alguns, tornando a leitura mais fluida. Os alunos têm proposto, durante a narração, uma busca pela resolução dos conflitos, tentando, muitas vezes, desvendar os enigmas e desatar os nós da história antes da sua conclusão nos momentos de leitura oral dos textos. O fato de os alunos das turmas de 7º, 8º e 9º ano, que trabalharam com o Ciclo de leitura, demonstrarem mais atenção e ansiedade durante a narração de contos mostra que alguns aspectos importantes do trabalho com leitura foram alcançados, possibilitando aos discentes vários benefícios que esse o gênero literário narrativo propõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
- KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Santa Cruz do Sul: Signo, 2007.
- ZILBERMAN, Regina. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. São Paulo: Global; Campinas, SP, 2008.
- ALICE, A.S. Maria. **Pedagogia e letramento: questões para o ensino da língua materna**. Universidade Tuiuti do Paraná.
- RAMOS, PANOZZO E STUMPF. **Gêneros textuais em aulas de leitura de literatura na fase inicial de escolarização**. Universidade de Caxias do Sul, 2007
- RANGEL, Egon de Oliveira. **Letramento literário e o livro didático da língua portuguesa: “Os amores difíceis”**. Belo Horizonte, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo/ Tzvetan Todorov; tradução Caio Meira. – 2º ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.**
- Leituras literárias: discursos transitivos/ Aparecida Paiva, Aracy Martins, Graça Paulino, Zélia Versiani (organizadoras).** – Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.
- GERALDI, João Wanderley. **Prática da leitura na escola**. São Paulo: Ática, 2006.
- GERALDI, João Wanderley. **A leitura e suas múltiplas faces. “A aula como acontecimento”**. São Carlos: Pedro e João editores, 2010.